

# Reunião dos comprometidos: Momento de violência... mas de libertação

Há momentos em que toda a capacidade de homem é posta à prova. Momentos curtos, incisivos, outros mais longos, exaustivos.

Um deles é o da violência. Quando um homem se prepara para a receber ou para a exercer.

Dizem alguns que a reunião dos comprometidos é violenta. Acho que sim e também acho que não. É uma questão de ponto de vista.

Acho que não, se o que sustenta essa afirmação é a negação íntima do acontecimento. Acho que sim, se com isso se admite que a libertação dum homem, mesmo quando as suas mãos não repousam em gatilhos, é tão violenta quanto necessária.

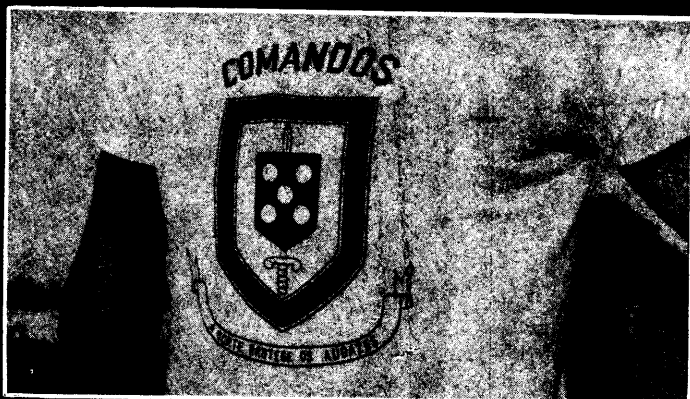
Violenta é a colonização como violenta é a revolução. Com uma diferença. Fundamental: Uma conduz à sua própria reprodução. A outra, à sua eliminação.

Os homens que ali estão a ser ouvidos, contam as suas histórias individuais. Todas juntas, essas histórias fornecem um quadro de violência erigido em instituição. Todas juntas, essas histórias são uma História: A História da repressão sobre o povo. A história de um comando completa-se com a de um membro da ANP. A ideologia das armas e as armas ideológicas. Ambas fazem parte do mesmo quadro, com um mesmo



objectivo: Produzir a violência que reproduz a violência, criando a mentalidade que a sustenta.

A violência produzida contra o povo não teve parâmetros. No norte, uma mulher camponesa foi esventrada e o seu sangue serviu de recheio ao pão de um soldado. É duro. Mas ouvi-o contar pela boca de um comando. No sul, um homem morreu à paulada porque suspeitavam que era terrorista. É duro. Mas ouvi-o contar pela boca de um PIDE.



A violência marcou as mentes. De quem a recebeu, e de quem a exerceu. Uma empregada doméstica dizia que reunir com os comprometidos era perder tempo depois de todos sabermos quem eles foram. Um ex-comando encontra-se, há anos num hospital psiquiátrico: Ficou doido.

A violência instalou-se. Nas palavras, nos gestos, nas mãos, nas caras, no sorriso e no choro, vemos o seu reflexo. Instalou-se como um cancro. Nos opressores e nos oprimidos.



Quem defendeu e defende os oprimidos teria, neste contexto, uma justificação para ser violento. Uma justificação conferida pela História, pelos factos, pelo quotidiano. E mesmo pelo próprio oprimido.

Mas não foi, como não é. Pensar a violência em termos profundos foi, em si, uma violência. Agir em função desse pensamento foi ainda mais violento. O guerrilheiro que hoje perdia os pais e irmãos, amanhã prendia o assassino. Mas não matava. O que lhe era talvez mais violento.

Só os anos permitiram fazer homens com tal dignidade. Só dez anos de prática dessa dignidade impediram vinganças absurdas quando esses homens passaram a vencedores.

Na mente dos homens, a violência tinha adquirido uma nova dimensão. A dimensão de que só deveria ser exercida para impedir a sua manutenção. Entre os combates da guerrilha e o tratamento dos prisioneiros deixou de haver contradição. Passou-se à lógica de um novo conceito.

As armas viraram-se para novos inimigos. Mas a violência já estava instalada na mente dos homens. Uns fugiram para a exercerem em Lisboa. Outros mudaram de local, sem terem mudado de trincheira. A mente reproduzia-se no corpo e a única via era continuar. Rodésia primeiro, África do Sul depois, mas só aí puderam continuar a exercer o suicídio da sua dignidade humana.



Outros ficaram. Alguns, os melhores faziam uma reflexão sobre o seu passado. Outros acharam que se poderiam esconder. Outros ainda não resistiam às suas ambições de poder.

Mas ficaram e, em si, isso foi uma opção. Violenta ainda. Porque se as suas mãos eram chamadas a novos exercícios, na sua mente permanecia o matope do passado. Na mente, um conflito: A culpa do passado contra a vontade do presente. Na sua nova trajectória uma dificuldade: Enfrentar uma situação que lhes seria logicamente adversa. Ou, melhor: Violentamente adversa.

O novo combate não admitia justificações. Não mais se poderia usar que, no momento, era matar ou morrer. Não mais se poderia invocar um inconsciente cumprimento do dever. A luta se realizava em pleno domínio cerebral.

A intranquilidade instalou-se nas mentes. As marcas da violência permaneciam vivas. Nos quadros, a chamada à vigilância, tornavam-nos objectos de observação. O teste da profundidade da sua opção apresentava-se agora em toda a sua plenitude.



Violento? Sem dúvida. Não é fácil dizer «matei» perante uma Nação atenta. Mas violento porque era necessário acabar com a violência de um conflito que os impedia de ser livres. Mais uma vez, se exercia a nova dimensão que as matas guerrilheiras tinham dado à violência dos homens.

Para alguns, a contradição não explodiu. Talvez imatura ainda, pela sua própria inconsciência, terão de viver presos ao seu próprio passado, vítimas de si próprios.

Para outros, a nova aurora nasceu. O teste foi violento porque era necessário extirpar as raízes da sua própria condição. Corpo e mente poderão realizar, coordenados, uma mesma função. Porque agora viverão em paz consigo próprios. Paz que não lhes foi dada mas alcançada pelo esforço de todos, pelo esforço deles próprios. Esforço violento? Sem dúvida. Violência que lhes devolveu a dignidade de homens livres. Necessária portanto.

SOL CARVALHO

